

# **Análise da Solidão das Consciências e da Sua Relação Essencial em *Le Mal et la Souffrance* de Louis Lavelle**

IVONE MOREIRA\*

## **A descoberta de si que antecede, e conduz, à descoberta do eu com o outro**

A solidão das consciências decorre da singularidade absoluta da relação do eu com a alma. Mas, enquanto o eu é por natureza um opositor de outros *eus*, entre as várias almas a comunhão é sempre possível e cada uma delas só se realiza em comunhão com outras, por isso, «o problema da solidão das consciências e da comunhão que se pode estabelecer entre elas é, simultaneamente, o problema mais humilde da vida quotidiana e o mais essencial da metafísica»<sup>1</sup>, compreendê-lo pertence ao aprofundamento do mistério do homem.

A alma manifesta as suas potencialidades através do eu e este último tem por fim a realização da própria alma. Cada ser é único e dessa singularidade decorre uma inevitável solidão. No entanto, o que é próprio do eu é iludir a realização da sua alma. Embora aspire a essa realização o eu foge da sua concretização, por um lado, como adiante se verá, porque realizar a sua alma significa sacrificar o seu egoísmo, por outro lado, porque lhe é essencial a distração: afinal o eu alimenta-se tão essencialmente da alma que é frequente que se esqueça dela e a experiência quotidiana mascara a autenticidade solitária do homem aturdindo a sua vida com modos variados de distração, entre eles formas fáceis, porque aparentes, de relação.

De facto, as pontes que se estabelecem entre a alma e o mundo são feitas pelo corpo, expressão do eu, do mesmo modo que o eu se alimenta da alma, de certo modo também o corpo pertence à alma, porque tem por finalidade

---

\* IEP e CEFi, UCP.

<sup>1</sup> «Le problème de la solitude des consciences et de la communion qui peut s'établir entre elles est à la fois le problème le plus humble de la vie quotidienne et le plus essentiel de la métaphysique.» Louis Lavelle, *Le Mal et la Souffrance*, Paris, Dominique Martin Morin, s. d., p. 86.

desvelar as suas possibilidades, realizá-las, mas o corpo também pertence ao mundo e é fenoménico, como todos os outros corpos com que se relaciona. E pode haver lugar a duas formas distintas de concretizar esta relação: ou o corpo é expressão da alma ou a escraviza e sufoca<sup>2</sup>.

Para fugir da escravização da alma pelo corpo é preciso fazer um caminho longo e doloroso para ir ao encontro da própria essencialidade, porque as múltiplas relações em que o homem se recreia são dispersantes da alma. É preciso descobrir-se só e isso é possível apenas num esforço quotidiano reiterado para encontrar a própria alma, dar-lhe realidade nas escolhas que sucessivamente se fazem para poder construir a partir desse ponto arquimediano, sólido, pontes que levem o homem à descoberta da sua vocação essencial: receber e dar a outras consciências, tão solitárias quanto a sua, aquilo que só ele, ser único, pode dar. Só assim se podem estabelecer verdadeiras relações.

Serve à urgência e necessidade deste caminho a quebra nas relações quotidianas que, habitualmente, embalam o homem num certo esquecimento da própria alma e, portanto, de si mesmo<sup>3</sup>. A adversidade com que o homem se confronta tem o papel de promover a sua ascense, a rotura compele-o a uma intimidade solitária que o densifica, uma experiência sofrida, que é ocasião de aprofundamento da consciência de si e do mundo. Na guerra, Lavelle dá o exemplo da contínua intensificação no tempo e no espaço de uma unidade ou concentração de todos os momentos fragmentários em que o homem experiencia a solidão e dos quais, por natureza, foge.

Lavelle apresenta a alma como o tesouro escondido e apenas pressentido, que atrai o eu mas também o assusta, porque o encontro ou a coincidência com ela é também a experiência da morte:

«[...] o eu e a alma não coincidem senão na morte. Durante toda a vida o eu busca a sua alma, mas procurá-la é, para ele, procurar as suas virtualidades que não deixam de lhe ser propostas a fim, precisamente, que ele as ponha à prova e que, em as atualizando faça o seu próprio ser.»<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Cf. Louis Lavelle, *De l'âme humaine*, Paris, Aubier Montaigne, 1951, p. 8.

<sup>3</sup> *Le Mal et la Souffrance*, p. 15.

<sup>4</sup> «[...] le moi et l'âme ne coïncident qu'à la mort. Pendant toute la vie le moi cherche son âme, mais la chercher pour lui, c'est chercher ses virtualités qui ne cessent de lui être proposées afin précisément qu'il les mette à l'épreuve et qu'un les actualisant il en fasse son être propre.» *De l'âme humaine*, p. 64.

Mas a realização da alma é também a glória do eu, daí que o homem que não rejeite a dor nem o sofrimento mas os assuma experimente também, nesse momento, o eu autêntico e o gozo de uma clarividência e de uma força que, em vão, tinha esperado receber do mundo<sup>5</sup>. São momentos privilegiados em que, na mais perfeita solidão, se permite o verdadeiro encontro consigo e, porque este encontro é uma realização da alma, ele também torna possível o verdadeiro encontro com o outro, porque entre as almas é possível a comunhão, já longe do arremedo de partilha que se experimenta na distração.

Daí que encontrar a solidão densa, e reconhecer a mentira que constituem os encontros distraídos, não seja negação do mundo, mas a sua descoberta ontológica. O mundo é verdadeiramente descoberto na sua essência espiritual: quem nunca experimentou a solidão, conhece-o apenas como «*décor de teatro*»<sup>6</sup>, conhece um mundo «mentiroso». Mas, não há homens *a fingir*, nem mundo «*décor de teatro*», porque estes são, por definição, o que não são. O que há é uma fuga ao ser, uma fuga à realização das virtualidades da alma, e do cumprimento da missão do eu, permitida pela distração. Há a criação de uma barreira entre o eu e a alma que o sofrimento tem o condão de quebrar, por isso, à medida que o horizonte do mundo que distrai se dissipa, o horizonte do espírito torna-se mais nítido.

A dor provocada pelo isolamento e pela solidão pode e deve transfigurar-se em comunhão que liga os homens, desde que, no seu sofrimento, o homem seja capaz de se compadecer por alguém que reconhece tão solitário e isolado quanto ele. A comunhão que daí resulta é o reverso do que se tem na experiência comum do eu separado dos outros, porque a separação se vence no encontro de almas, onde, pela dor, o homem foi obrigado a tomar posse de si intimamente e a alargar o seu próprio horizonte. A condição normal do eu é a de não ultrapassar a experiência dos seus atos ou dos seus estados, e a alma está sempre além de todos os esforços que o eu empreenda para a captar, a alma é sempre a mais próxima e a mais longínqua<sup>7</sup>, mas no sofrimento o encontro do eu com a sua alma é inevitável e pungente.

De facto, a comunhão entre os seres não é possível senão a partir da percepção que cada um tem do seu ser espiritual, apenas acessível na solidão. Os homens não podem agir verdadeiramente um sobre o outro, nem encontrar-se verdadeiramente, senão quando existem verdadeiramente<sup>8</sup>:

<sup>5</sup> *Le Mal et la Souffrance*, p. 23.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 23.

<sup>7</sup> *De l'âme humaine*, p. 8.

<sup>8</sup> *Le Mal et la Souffrance*, pp. 91-92.

«De todos os problemas que a reflexão nos coloca e que a vida nos impõe, não há nenhum mais constante, mais profundo e mais dramático que o da solidão em que cada ser se encontra encerrado e da comunhão com o outro que permanece sempre, para cada um, objeto de suprema esperança e de supremo pudor.»<sup>9</sup>

O encontro com o mistério próprio e do outro, cujas essências nesta vida permanecerão sempre incognoscíveis, «a alma é mais interior a nós que nós mesmos»<sup>10</sup>, é marcado pelo pudor e a reserva mesmo nas relações mais íntimas, porque a intimidade, longe de destruir esta experiência, antes a agudiza<sup>11</sup>. O homem pode pensar a essência sua e dos outros, pode, em parte, compreendê-las, pode envolvê-las em compaixão, não poderá jamais conhecê-las absolutamente, porque o que conhece da sua alma, e das almas alheias, é o que se concretizou ou realizou pelas opções que, em liberdade, o seu eu e o eu dos outros tomaram, no tempo em que se desenrolam as suas vidas, mas o que ainda está em potência só virá a realizar-se no futuro e permanece como um apelo permanente à sua realização, como uma vocação ainda não exercida, como uma responsabilidade confiada ao eu<sup>12</sup>. O reconhecimento de que se está sempre perante o mistério do outro, e perante a necessidade de defender o seu próprio, expressa-se pelo pudor.

Aprofundar o mistério da comunhão que é possível entre as almas e da solidão que caracteriza o eu é o único modo de chegar a conhecer o homem. Pela potência ainda não realizada da sua alma, o seu crescimento espiritual é virtualmente infinito e a consciência do homem desvela-se a si mesma num perpétuo movimento de relação com o seu eu, que lhe é sempre imanente, com o universo em que se move e no qual realiza a sua alma, e de que fazem

---

<sup>9</sup> «[...] de tous les problèmes que la réflexion se pose et que la vie nous impose, il n'en est pas de plus constant, de plus profond, de plus dramatique que celui de la solitude où chaque être se trouve enfermé et de la communion avec autrui qui reste toujours pour lui un objet de suprême espoir et de suprême pudeur.» *Idem*, p. 89.

<sup>10</sup> «L'âme est donc plus intérieur à nous que nous-même.» *De l'âme humaine*, p. 63.

<sup>11</sup> «Nous ne pouvons pas penser à notre solitude où un autre va pénétrer, à la solitude d'un autre qui pour nous va s'ouvrir, sans éprouver une sorte de tremblement, une immense espérance accompagnée d'une douloureuse anxiété. Dans les formes les plus hautes de la communion entre deux êtres humains, où règnent une confiance et une joie presque continues, il faut que cette anxiété demeure, qui est encore la marque du caractère sacré de la solitude et du miracle qui la dépasse.» *Le Mal et la Souffrance*, p. 78.

<sup>12</sup> «C'est cet être profond que le moi ne cesse de rechercher, non point pour le découvrir comme on découvre un objet, mais pour mettre en œuvre les puissances qu'il recèle et dont la responsabilité lui est pour ainsi dire confiée.» *De l'âme humaine*, p. 8.

parte todos os seres com quem se confronta, e com a relação fundamental com a transcendência onde reside a atividade que o faz ser<sup>13</sup>.

É a reflexão, através da qual o homem toma consciência de si mesmo, que lhe revela a sua solidão: porque lhe descobre a subjetividade própria, o «quarto secreto» onde, verdadeiramente, decorre a sua vida<sup>14</sup>. O homem não pode pensar em si próprio sem se encontrar a sós consigo. Este encontro consigo mesmo constitui uma revelação, acerca de si mesmo e acerca das pretensas relações que mantém, encontro que faz nascer uma angústia metafísica que a vida espiritual aprofunda e que corresponde ao surgimento da consciência de si, mas é também através da vida espiritual que o homem se reconcilia com a sua solidão e se liberta da angústia<sup>15</sup>.

A percepção de que se é, corresponde ao reconhecimento de que se é único, separado, solitário, fechado em limites que podem alargar-se ou retrair-se, mas não franquear-se<sup>16</sup>. Esta realidade é percebida como inevitável a partir do diálogo interior que caracteriza a consciência. Lavelle apresenta-a como a percepção de um perfeito fechamento sobre si e, ao mesmo tempo, uma perfeita abertura: abertura porque os conteúdos da consciência são todo o universo e fechamento porque ele é percebido e interpretado segundo uma perspectiva que caracteriza peculiarmente cada consciência. É quando a consciência se apercebe da profunda interioridade que a caracteriza que se afasta mais do que a distrai e se aproxima daquele ser que, sendo a fonte comum de si mesma e de tudo o que é, lhe ensina que para ela há uma identidade entre conhecer-se e ultrapassar-se<sup>17</sup>.

Toda a verdadeira comunhão entre os seres supõe que cada um se tenha tornado verdadeiramente no que é. Para poder fazer dom de si, é necessário ter tomado posse de si primeiro, esta posse de si, que pode definir-se pela consciência do eu, tão conseguida quanto é possível, devolve o homem a si mesmo na solidão dolorosa fora da qual nada lhe pertence nem tem nada para dar, porque ainda não existe verdadeiramente<sup>18</sup>. A posse de si mesmo depende da consciência embora seja preciso notar que a consciência não

<sup>13</sup> Cf. *Le Mal et la Souffrance*, p. 88, e *De l'âme humaine*, p. 9.

<sup>14</sup> Cf. *Le Mal et la Souffrance*, p. 90.

<sup>15</sup> Cf. *idem*, p. 90.

<sup>16</sup> «Pourtant percevoir que je suis, c'est percevoir que je suis unique, séparé solitaire, enfermé dans des limites qui peuvent être reculées, mais non pas franchies. Et il me suffit de songer que j'ai une existence propre, subjective, personnelle, inconnue de tous et qui m'est livrée, pour ressentir une émotion si aiguë et si déchirante qu'il semble impossible qu'elle se prolonge.» *Idem*, p. 91.

<sup>17</sup> *De l'âme humaine*, p. 37.

<sup>18</sup> *Le Mal et la Souffrance*, pp. 91-92.

coincide com o eu: o eu tem lados obscuros que a consciência não ilumina e a consciência tem conteúdos que transcendem o eu<sup>19</sup>.

É preciso ter experimentado a miséria, e a grandeza como Lavelle admite noutros textos, de um eu desprovido de tudo e reduzido à experiência da solidão absoluta para encontrar em si, numa atividade cuja realização depende do próprio, a responsabilidade do seu destino<sup>20</sup>. Como Lavelle admite em *De l'âme humaine*, cabe ao eu descobrir na alma a vocação que sempre lá esteve à espera de ser posta em obra<sup>21</sup>. É aqui que o livre-arbítrio se torna a expressão mais completa da solidão: o homem é chamado à ação, a fazer passar do nada ao ser algo que só ele pode realizar. Neste percurso a dor tem um papel central, porque por ela, enquanto agressão externa, o homem entra em si, e porque a conquista de si e da própria solidão, que lhe devolverá o que ele é, já de si é dolorosa. A vida só pode adquirir profundidade para o homem no momento em que ele a pode pensar como sua e, nesta intimidade inefável, está-se irremediavelmente só no mundo, e, ao mesmo tempo, de portas verdadeiramente abertas para o outro, o que se revela uma experiência a um tempo dolorosa e bela.

A solidão que se experimenta é sempre ainda mais inacessível do que se julga. Porque a dificuldade não reside apenas em formar sociedade com os outros – como adiante se verá a comunicação enferma de muitos equívocos – ela também se experimenta na dificuldade que temos em viver uma autêntica unidade em acordo conosco mesmos. Porque, por um lado, é próprio da consciência dialogar interiormente, num debate onde nunca se consegue obter a perfeita coincidência entre quem é e quem reflete<sup>22</sup>, neste aspeto Lavelle tem uma posição semelhante à que Sartre expressa em *La transcendance de l'ego*, e, por outro lado, o eu nunca é completamente fiel à vocação fundamental da sua alma<sup>23</sup>, portanto, na existência, nunca há a perfeita coincidência entre a alma e o eu.

Apesar disso, o percurso espiritual de cada um é forçosamente um percurso de verdade, ou então não é. A experiência mais trágica de solidão é a da impossibilidade da caminhada espiritual, a da impossibilidade da verdade, que impede o homem de forçar as barreiras que separam o que ele acredita ser do que ele é, de facto: porque, então, a consciência tornou-se

<sup>19</sup> *De l'âme humaine*, p. 40.

<sup>20</sup> Cf. *Le Mal et la Souffrance*, p. 92.

<sup>21</sup> *De l'âme humaine*, p. 42.

<sup>22</sup> Cf. *Le Mal et la Souffrance*, p. 93.

<sup>23</sup> *De l'âme humaine*, p. 462.

estranha ao seu ser verdadeiro<sup>24</sup>, e o homem vive uma mentira que o escraviza e que lhe retira a presença de si a si mesmo impedindo a solidão grandiosa que o justifica e que pode ser a única porta para os outros pela descoberta e concretização de uma vocação única que, como Lavelle admite, «pode ser definida como a verdadeira fidelidade a si mesmo»<sup>25</sup>.

### **Análise de vários modos de solidão. A solidão partilhada**

Lavelle reconhece existir uma dupla ordem de solidão: a solidão do eu individual que defende o homem e o protege como um ser secreto contra a vulgaridade do mundo público feito de aparências, o mundo *décor* de teatro, mas que, se se mantiver reduzida a isso, produz desespero, e a outra solidão que se deve aprofundar para se ultrapassar. O autor propõe aqui um caminho idêntico ao que propõe para a superação da dor, a qual não se ultrapassa frutuosa e não ser através dela, não a recusando, mas também não se subjugando, antes acolhendo a dor. Também da solidão só se pode retirar o seu fruto se ela se aprofundar: através desse aprofundamento descobre-se a solidão universal de espírito, que é onde se pode encontrar o outro em comunhão, o que permitirá ao homem enriquecer-se ele próprio indefinidamente e comunicar com os outros indivíduos convidando-os a ultrapassarem também o primeiro nível de solidão<sup>26</sup>.

O destino do homem, ser consciente, não é nem perceber as coisas, nem dominá-las mas partilhar. Viver é encontrar fora de si outras consciências que esperam receber dele aquilo que só ele pode dar e das quais ele próprio espera receber<sup>27</sup>. Este é, claramente, um destino comunitário no sentido essencial do termo.

Mas o percurso do homem com os outros é uma conquista laboriosa em que, mais uma vez, o homem é chamado a assumir a dor que há de frutificar: «Quando diferentes consciências se encontram, o sentimento da solidão modifica-se e ganha precisão: deixa de ser puramente metafísico, torna-se psicológico; tem sempre por contrapartida a ideia de uma comunicação impossível ou falhada.»<sup>28</sup> O sentimento de solidão torna-se um fardo

<sup>24</sup> Cf. *Le Mal et la Souffrance*, pp. 93-94.

<sup>25</sup> «La vocation peut être définie comme une véritable fidélité à soi-même.» *De l'âme humaine*, p. 463.

<sup>26</sup> Cf. *Le Mal et la Souffrance*, p. 106.

<sup>27</sup> Cf. *idem*, p. 94.

<sup>28</sup> «[...] dès que des consciences différentes commencent à se rencontrer, le sentiment

intolerável quando pesa sobre o homem a mentira das pretensas relações, a lástima de uma comunhão abortada, quando ao olhar para todos os outros seres que estão à volta e de cuja sorte se partilha, se percebe que só se podem ter com eles relações de circunstância, exteriores e aparentes, que os homens passam, uns ao lado dos outros, servindo-se uns dos outros como se servem das coisas, mas guardando no fundo de si mesmos o segredo do seu próprio ser<sup>29</sup>. Apenas a dinâmica do amor pode contrariar este destino e convertê-lo no seu contrário substituindo a concorrência pela cooperação<sup>30</sup>.

«A indiferença, quer se experimente quer se inflija, parece-se com a inércia e com a morte.»<sup>31</sup> Experimenta-se e infligem-se duas formas principais de indiferença: aquela que provém de quem não reconhece outrem, e a que provém da rejeição do outro. A solidão da indiferença que ignora ou não reconhece o outro pode ser um vazio mas não fecha o homem, porque não o contrai dolorosamente como o faz a outra forma de solidão que procede do movimento pelo qual um ser que se dirigia a outrem se vê rejeitado<sup>32</sup>. A rejeição é mais contundente que a indiferença porque torna palpável o desencontro e aborta um esforço de saída de si, já difícil e doloroso. Embora a rejeição corresponda ao reconhecimento no outro de uma vocação que lhe é própria, afirma-a como alheia, como divergente da sua própria vocação. No entanto, paradoxalmente, aquele que rejeita está já mais perto do outro porque se interessou por ele, para o recusar, é verdade, mas este deixou de pertencer à indiferença da paisagem para ser afirmado como o outro cuja solidão não se quer partilhar<sup>33</sup>.

Há em todo e qualquer homem um reduto inultrapassável de solidão. Lavelle afirma que é preciso duvidar da complacência com que se imagina que basta descobrir o outro para nos unirmos a ele, porque o que acontece é antes o contrário: mesmo no esforço de sair de si e estabelecer uma relação com outrem, basta que os outros possuam uma intimidade que lhes é própria para que, desde o primeiro instante, o outro se afigure tão diferente, que a esperança de romper a solidão própria se transforma numa decepção

---

de la solitude se modifie et se précise; il cesse d'être purement métaphysique, il devient psychologique; il a toujours pour contrepartie l'idée d'une communication impossible ou manquée.» *Idem*, p. 94.

<sup>29</sup> Cf. *idem*, p. 95.

<sup>30</sup> *De l'âme humaine*, p. 445.

<sup>31</sup> «[...] l'indifférence, soit qu'on l'éprouve, soit qu'on la subisse, ressemble à l'inertie et à la mort.» *Le Mal et la Souffrance*, p. 96.

<sup>32</sup> Cf. *idem*, p. 96.

<sup>33</sup> Cf. *idem*, pp. 96-97.

que a torna mais amarga. Isto pode compreender-se por uma dupla razão: um outro pode estar tão próximo que as divergências que se têm com ele são as mesmas que o homem tem consigo mesmo, mas, ao mesmo tempo, esse mesmo outro está tão distante que o intervalo, mesmo que pequeno, que separa ambos é impossível de ultrapassar<sup>34</sup>. Mesmo na intimidade entre dois seres, em reações impercetíveis, se reconhece o abismo entre o eu e o outro, e a comunhão, mais desejada que verdadeiramente experimentada, sofre um rude golpe<sup>35</sup>; de tal modo é assim, que o amor mais puro é sempre, apenas, objeto de fé<sup>36</sup>. A outra razão é que o eu alimenta o amor-próprio, que é detestável exatamente porque é um princípio de separação sempre pronto a converter o outro num rival<sup>37</sup>. Embora, na verdade, seja a alma que alimenta o eu, na sua permanente distração o eu vive do amor-próprio.

Cada um é forçado a levar uma existência cujo valor provém de que ela é sua e por consequência única, e que, na sua originalidade não pode ser assimilada nem compreendida por ninguém. Mas não é necessário recear a intimidade, nem abrir mão dela para construir algo para além da solidão e realizar a vocação de vida como doação e acolhimento. De facto, afirma Lavelle, as almas são espíritos inseridos no mundo e que precisam de se empenhar nele para realizarem o seu destino de modo solidário com outras almas<sup>38</sup> e o pudor, que sempre acompanha a presença do mistério, é a proteção mais delicada da originalidade singular de cada um e, nos momentos em que a cumplicidade é mais perfeita, o pudor agudiza-se em vez de se perder<sup>39</sup>, porque são momentos de verdade em que se compreende mais profundamente a fragilidade do que une ambos e a profundidade do mistério próprio e do outro.

Se o homem é chamado a viver com os outros e a realizar a sua vocação com eles e apenas com eles, também é verdade que não está destinado a ser objeto dos outros. Um especial tipo de frustração e falha de comunhão acontece quando:

«alguém em quem se confia se serve de nós por interesse ou por distração. Abre-nos, é verdade, uma parte da sua intimidade, por certo não persegue sempre um fim egoísta, mas, seja qual for a sua nobreza,

<sup>34</sup> Cf. *De l'âme humaine*, p. 52.

<sup>35</sup> Cf. *Le Mal et la Souffrance*, pp. 97-8.

<sup>36</sup> *De l'âme humaine*, p. 52.

<sup>37</sup> *Idem*, p. 62.

<sup>38</sup> *Idem*, p. 18.

<sup>39</sup> Cf. *Le Mal et la Souffrance*, p. 98.

trata-se de um fim que lhe é próprio e o qual somos chamados a servir, como instrumento. Não podemos fazer uma descoberta destas sem experimentar um sentimento de terror, porque não queremos ser uma coisa da qual o outro dispõe, uma pedra num edifício estranho.»<sup>40</sup>

### **A solidão do livre-arbítrio**

Apesar de parecer que o corpo é uma dimensão pública do ser: mostra-se, partilha e comunica com os outros, ironicamente, é ele quem recria perpetuamente o egoísmo, como forma de solidão em que o homem se compraz<sup>41</sup>. Já a consciência experimenta verdadeiramente a solidão, sofre com ela e tenta rompê-la. Enquanto o papel da matéria é o de separar os seres, o papel da consciência é uni-los fazendo do obstáculo um elo de união, porque é próprio da sua essência penetrar tudo<sup>42</sup>. A alma não coincide com a consciência porque, se coincidissem, seria impossível à consciência negar a alma e, no entanto, isso acontece, mas é porque há alma que há consciência, ela preenche todo o intervalo entre o eu e a alma e mede o caminho que os unirá<sup>43</sup> e enquanto «o eu se opõe sempre a um outro eu, [...] não há rivalidade entre as almas: desde que elas se encontrem, unem-se»<sup>44</sup>, e é missão da consciência transpor as barreiras do eu permitindo a união das almas.

A consciência da solidão começa por separar o homem do universo que se lhe apresenta como exterior, descobre-lhe primeiro um eu individual, mas é necessário que ele continue a aprofundar esta consciência de si até verdadeiramente se descobrir numa solidão incomunicável e, aparentemente, irresolúvel. Apenas então pode ter a esperança de encontrar o outro. O percurso é solitário e doloroso mas o homem queima nesta travessia um

---

<sup>40</sup> «[...] un autre être dans lequel nous mettions notre confiance se servait de nous par intérêt ou par jeu. Il nous livrait, il est vrai, une partie de son intimité et nous lui ouvrons aussi la nôtre. Il ne poursuivait pas toujours une fin égoïste; mais quelle que fût sa noblesse, c'était une fin qui lui était propre et dont nous étions l'instrument. Nous ne pouvons pas faire une semblable découverte sans éprouver un sentiment de terreur: car nous ne voulons pas être une chose dont un autre dispose, une pierre dans un édifice étranger.» *Idem*, p. 100.

<sup>41</sup> Cf. *idem*, p. 104.

<sup>42</sup> Cf. *idem*, p. 106.

<sup>43</sup> *De l'âme humaine*, p. 43.

<sup>44</sup> «Le moi s'oppose toujours à un autre moi, mais il n'y a pas de rivalité entre les âmes: dès qu'elles se rencontrent, elles s'unissent.» *Idem*, p. 63.

mundo de aparências que o separavam dele e dos outros, queima a mentira, que forja o tipo mais desesperante de solidão, quer a mentira acerca de si mesmo quando o homem se recusa a ver o hiato que existe entre o que ele de facto é e o que julga ser, quer a mentira acerca das suas relações, quando não enfrenta a sua própria solidão e a mascara com pretensas formas de partilha. O que o homem descobre na solidão é precioso: descobre-se a si mesmo para poder dar-se e receber:

«Tal é esta interioridade universal que é ao mesmo tempo a perfeita solidão e a sua abolição que os grandes solitários são capazes de conhecer e que sempre têm medo de perder, que a seus olhos nunca está completa o bastante, e que lhes dá, quando a encontram, uma sobreabundância de luz e de alegria. Não apenas realizam nela já uma espécie de sociedade espiritual com todos os seres que estão no mundo, mas, quando voltam para junto dos homens, encontram força suficiente para os retirar do seu egoísmo e do seu isolamento para lhes revelarem uma solidão invisível que lhes é comum e na qual se podem aproximar e unir.»<sup>45</sup>

É assim que o contemplativo, pode retirar-se do mundo para depois se aproximar dele repassado de compaixão, e ser muito mais próximo que se tivesse permanecido aturdido num mundo aparente.

Para além da experiência do desencontro consigo próprio, que antes vimos e que qualifica uma forma íntima da solidão, «o núcleo mais profundo da solidão não reside nem na existência subjetiva, nem na indiferença dos outros seres, nem no intervalo que separa esta existência de outrem, nem na dor que se experimenta por causa do outro: ela está na própria iniciativa que cabe a cada um exercer»<sup>46</sup>. A solidão é o livre-arbítrio. Porque é ele que

---

<sup>45</sup> «Telle est cette intériorité universelle qui est à la fois perfection de la solitude et son abolition, que les plus grands seuls sont capables de connaître, qu'ils ont toujours peur de perdre, qui n'est jamais à leurs yeux assez complète et qui leur donne toujours, quand ils la retrouvent, une surabondance de lumière et de joie. Non seulement ils réalisent déjà en elle une sorte de société spirituelle avec tous les êtres qui sont dans le monde; mais dès qu'ils reviennent parmi les hommes, ils trouvent assez de force pour les retirer eux aussi à leur égoïsme et à leur séparation et pour leur découvrir une solitude invisible qui leur est commune et dans laquelle ils peuvent enfin se rapprocher et s'unir.» *Le Mal et la Souffrance*, p. 102.

<sup>46</sup> Cf. «le cœur le plus profond de la solitude ne réside ni dans l'existence subjective, ni dans l'indifférence des autres êtres, ni dans l'intervalle qui m'en sépare, ni dans la douleur même que j'éprouve par eux; elle est dans l'initiative même qu'il m'appartient d'exercer.» *Idem*, p. 100.

dá ao sujeito a responsabilidade metafísica sobre si mesmo<sup>47</sup>. Misteriosa e paradoxalmente, como acontece várias vezes na compreensão que Lavelle tem do mistério da alma, é pelo exercício do livre-arbítrio, expressão única da sua solidão, que o homem pode romper o seu casulo e quebrar a solidão.

A única possibilidade de ultrapassar a solidão é-nos dada pela ação, porque a alma é criada «*criadora dela mesma*»<sup>48</sup> e a sua realização é entregue ao eu, chamado a pôr em ato as potencialidades da alma: a ação que cada um pode realizar é a resposta mais autêntica à sua própria vocação, a cada um correspondem realizações que mais ninguém poderá levar a cabo e que são a sua ponte para os outros. Lavelle afirma que basta que o homem compreenda que o ato que se espera dele só ele o pode realizar, para que, de repente, a ideia da sua vocação se lhe revele, e o atemorize. É a vocação própria que faz da liberdade possível uma liberdade real<sup>49</sup>, que investe o homem de uma responsabilidade social essencial de que ele não tinha consciência até então, porque nenhum ato é tão interior a um agente que não tenha repercussões sobre o mundo<sup>50</sup>. O homem é um ser político, porque na raiz da sua solidão e da univocidade do seu ser, está a ação sobre o mundo que só ele pode fazer e é chamado a isso.

O indivíduo, único no mundo, não se pode realizar a não ser por uma vocação que torna a sua liberdade real, no sentido em que o horizonte de possibilidades dessa liberdade se delimita e concretiza, mas nessa manifestação da sua singularidade ele não se pode considerar um todo mas um membro de um todo, porque as suas realizações servem a outros e, com isso, conferem à sua vida um sentido e um propósito que ele jamais poderia realizar sozinho e que ultrapassam assim, verdadeiramente, a sua solidão.

Para Lavelle a criação da alma é a possibilidade que lhe é dada de se criar a si mesma, e cada um sabe bem que não pode criar-se e manifestar a sua alma senão com a colaboração de todos os seres que encontra no seu caminho<sup>51</sup>. A relação do eu com a sua alma é permanentemente uma relação da imanência com a transcendência: o eu é sempre imanente a si mesmo mas precisa alimentar essa imanência na relação com a sua alma cuja potencialidade

<sup>47</sup> Cf. *idem*, p. 101.

<sup>48</sup> «[...] elle est crée créatrice d'elle-même.» *De l'âme humaine*, p. 44.

<sup>49</sup> Cf. *Le Mal et la Souffrance*, p. 101.

<sup>50</sup> Cf. *idem*, p. 101.

<sup>51</sup> Cf. «C'est à dire que si la création d'un être, c'est la possibilité qui lui à été donnée de se créer lui-même, chacun de nous sent bien qu'il ne peut se créer qu'avec la collaboration de tous les êtres qui sont mis sur son chemin.» *Idem*, p. 112.

ele deve realizar e que permanecerá sempre para o eu a ocasião de realização/criação da sua alma e do próprio eu, sem a qual ele próprio não é<sup>52</sup>.

Sendo o processo de realização do eu e da alma essencialmente partilhado, o homem precisa franquear os seus limites indo ao encontro de outras consciências, sem fazer sobrepor na relação o seu amor-próprio, porque é pelo amor-próprio que cada um se julga o único a servir a verdade<sup>53</sup>. A diversidade dos seres humanos, destinados a criarem-se a si próprios num mútuo contributo de consciências não necessariamente solidárias – se são capazes de se prestarem mútua assistência, também são capazes de se confrontarem – constitui um todo uno e solidário, e cada um só encontra a sua vocação espiritual ao contribuir para a formação dos outros. A experiência do encontro com o outro é às vezes tão profunda que não se pode deixar de comungar do seu destino – a guerra é um fenómeno que pode levar o homem a experimentar essa partilha de uma forma pungente. O homem tem então acesso a um mundo espiritual que lhe permite abolir a solidão e no qual predomina uma intencionalidade dirigida ao outro e uma solidariedade em que todos procuram completar-se e apoiar-se<sup>54</sup>.

O homem não pode pensar no seu semelhante igualmente solitário e indigente, sedento de amor, confinado e condenado à solidão e ao equívoco, sem experimentar a verdadeira misericórdia e com isso derrubar as barreiras que o separam dele. Contudo, não percebe imediatamente que essa compaixão é a porta pela qual chega ao outro e que se quebrou a solidão. A solidão que justificou a sua compaixão inicial é destruída pelo amor: «[...] pensar uma solidão que não é a sua é penetrar o outro e descobrir um mundo que

---

<sup>52</sup> *De l'âme humaine*, p. 9.

<sup>53</sup> «[...] chaque esprit a besoin de tous les autres pour le soutenir, pour l'éclairer, pour prolonger et compléter la vision de l'univers qu'il a lui-même obtenue. Les différents esprits ne se sentent rivaux que par un amour-propre charnel dont ils n'ont point encore réussi à se dépouiller; c'est pour le défendre que chacun pense être seule à servir la vérité; à mesure qu'ils se purifient, ils s'apaisent, se réconcilient, et mettent leurs forces en commun.» Louis Lavelle, *La présence totale*, Paris, Aubier-Montaigne, 3ème édition, s.d., p. 22.

<sup>54</sup> Cf. «Il n'y a point d'homme qui n'ait connu certaines rencontres dans lesquelles un autre homme se révélait comme tout proche de lui, déjà associé à lui dans le sentiment d'une destinée qui leur était commune, d'une présence mutuelle impossible à abolir et qui leur ouvrait à tous deux l'accès d'un monde spirituel et lumineux dont la solitude les séparait, mais qui maintenant n'a plus d'arrière-fond, qui ne renferme que des intentions et des significations, où l'on ne trouve que des actes de pensée et de volonté qui, cherchant respectivement à s'accomplir et à se soutenir, ne laissent jamais aucun être sans initiative ni sans secours.» *Le Mal et la Souffrance*, p. 89.

é um *Em Si universal* que é o fundamento de si mesmo e dos outros.»<sup>55</sup> Se o homem não transpõe a solidão pelo conhecimento que lhe está vedado, quer o conhecimento pleno de si quer o do mistério do outro, pode contudo pensá-lo e, sobretudo, pode compadecer-se dele, até compreender que este veículo pelo qual ele chega ao outro é o que lhe permite respirar ele próprio e ser, que, ele mesmo e o outro, vivem enraizados e alimentados pelo mesmo fundamento.

A partir da dádiva de si, e do cumprimento da vocação pessoal necessariamente voltada para os outros, gera-se «um círculo de luz» que ilumina tanto mais intensamente e tanto mais longe quanto a força das ideias e a pureza das intensões dos agentes. Da multiplicidade e da interceção destes vários círculos se gera a partilha que caracteriza a intersubjetividade, o que não obsta a que, em todos os homens que assim comungam parte do que são, subsistam dimensões privadas, não partilhadas nem partilháveis, que eloquentemente nos falam da irredutível privacidade de cada consciência<sup>56</sup> e que são condição necessária à singularidade de cada vocação.

Mas a existência pessoal só faz sentido se cada um descobrir o seu parentesco com outras existências com as quais pode partilhar algo, ainda que sempre de forma limitada. Em Lavelle toda a comunhão entre duas consciências é, efetivamente, uma triangulação, porque supõe ao mesmo tempo a descoberta do Princípio Comum que dá a dois seres a possibilidade da partilha, a consciência perceberá então que é, ao mesmo tempo, capaz de compreender e de ser compreendida, tornar-se-á ela própria um meio ao serviço de um fim que a ultrapassa e à qual ela poderá consagrar-se e sacrificar-se<sup>57</sup>:

«Logo que dois homens começam a descobrir entre eles um pensamento, uma emoção ou uma intenção que lhes é comum [...] reconhecem a identidade do princípio que os ilumina e da finalidade para a qual, sem suspeitarem, colaboravam já. É Deus que lhes mostra de súbito a Sua face: porque apenas Ele pode ser a testemunha e o garante da sua união.»<sup>58</sup>

<sup>55</sup> Cf. «[...] penser une solitude qui n'est pas la sienne, c'est quitter la sienne, c'est pénétrer l'autre, c'est découvrir un monde qui est un *Soi universel* où chacun trouve le fondement de son propre soi et du soi de tous les autres.» *Idem*, pp. 102-103.

<sup>56</sup> Cf. *idem*, p. 106.

<sup>57</sup> Cf. *idem*, p. 108.

<sup>58</sup> «Lorsque deux hommes commencent à découvrir entre eux une pensée, une émotion ou une intention qui leur est commune [...] ils reconnaissent l'identité du principe

O que levou os filósofos a pensar que as consciências são solitárias e fechadas umas em relação às outras foi a crença de que apenas se poderia chegar ao outro por intermédio do conhecimento. Mas o que ocorre quando se tenta compreender o outro, ou quando alguém se coloca ao serviço dos outros por partilhar aquilo que só ele pode dar, é a intersubjetividade: a partilha, que põe os seres em presença uns dos outros pela interpenetração das suas vidas.

Cada indivíduo é, para todos aqueles que ele encontra, um mediador da sua realização e encontra no outro o destinatário da sua própria vocação e isso é já ultrapassar a solidão. A tarefa de receber e dar ao outro nunca está definitivamente acabada: o homem precisa de recomeçar constantemente, vencer a solidão para a encontrar de novo, talvez até mais profunda e mais autenticamente. Sem drama algum porque esta é a condição da sua própria realização e vocação: toda a comunhão consiste, de facto, na partilha de duas solidões e no fundamental encontro com o garante último desta relação.

A consciência individual é indivisivelmente consciência psicológica e consciência moral. Reparte-se entre o conhecimento do que é e o pressentimento do que deveria ser e recebe para isso a luz de uma consciência universal. É nesse meio comum que cada um pensa os próprios limites e os limites do outro e em que ambos podem ultrapassá-los, pela sua intencionalidade dirigida ao outro que é a única forma de realização da vocação individual. A consciência é palco da relação com o absoluto e do seu próprio lugar nesse absoluto ao aperceber-se das virtualidades da sua alma e da responsabilidade que lhe cabe nas escolhas que as realizam, e a vocação é então a realização de uma vontade. Cada um é chamado a concretizar essa realização de modo a encontrar-se mais perfeitamente a si próprio e ao outro<sup>59</sup>. Lavelle afirma-o na primeira pessoa: «Assim, quando eu estou mais próximo de si, sinto que o seu ser nasce em mim, ao mesmo tempo que floresce em si; e não há comunhão mais estreita que aquela que, ao mesmo tempo, lhe dá a si o mesmo sentimento acerca de mim.»<sup>60</sup>

A comunicação possível entre dois seres não é suficiente para criar entre eles uma verdadeira comunhão, que pode ser conseguida apenas graças a uma reiterada vontade de ultrapassar constantemente a solidão na qual se

---

qui les éclaire et de la fin à laquelle, sans s'en douter, ils collaboraient déjà. C'est Dieu qui leur montre tout à coup sa face: car lui seule peut être le témoin et le garant de leur union.» *Idem*, p. 109.

<sup>59</sup> Cf. *De l'âme humaine*, p. 44, e *Le Mal et la Souffrance*, p. 114.

<sup>60</sup> *Le Mal et la Souffrance*, p. 115.

cai e recai. A vocação «comunitária» essencial, isto é, a vocação para o amor, deve ser perpetuamente retomada como tarefa da vontade<sup>61</sup>.

A comunhão gerada possui um valor por si mesma que não se retira do valor próprio dos indivíduos que comungam dela. Nesta partilha são os seres que mais contribuem aqueles que mais recebem porque:

«não há para a consciência graça mais perfeita que aquela que a põe em estado de agir, quer dizer, de se dar [...] todo o homem que pretende guardar só para si qualquer coisa forja para si mesmo a sua solidão. É preciso estar desprendido de tudo e, por consequência, conhecer aquela extrema pobreza pela qual afastamos o olhar de nós para o abrimos à totalidade do mundo, com um coração inteiramente puro e as mãos perfeitamente livres, para conhecer aquela riqueza extrema que nos permite a cada instante [...] entrar realmente em sociedade com todos os seres que Deus coloca no nosso caminho.»<sup>62</sup>

Guardar algo para si, eis o Erro de Narciso, deixar-se prender nas malhas do amor-próprio. Na proposta de Lavelle ecoa o repto lançado no Evangelho: quem se dispuser a perder a sua vida salvá-la-á e quem quiser guardá-la para si há de perdê-la. O compromisso com o Absoluto não teve nunca outras condições ou outro requisito.

### **Equívocos da Comunhão**

Ao apreciar as relações entre as pessoas podemos equivocar-nos e julgar que se está em presença da comunhão quando afinal se trata apenas de influência. Afinal, o amor-próprio que afeta todos os homens, tenta fazer uso de tudo, mesmo instrumentar os outros com quem se mantém relações. Esforçar-se por se libertar da consciência que se tem de si mesmo e das suas

<sup>61</sup> Cf. *idem*, pp. 114-115.

<sup>62</sup> «Il n'y a pas pour la conscience de grâce plus parfaite que celle qui la met en état d'agir, c'est-à-dire de donner. [...] tout homme qui prétend encore garder quelque chose pour lui seule se forge à lui-même sa propre solitude. Mais il faut être détaché de tout, et par conséquent connaître cette extrémité de la pauvreté où l'on détourne le regard de soi afin de l'ouvrir sur la totalité du monde avec un cœur entièrement pur et des mains parfaitement libres, pour connaître cette extrémité de la richesse qui nous permet à chaque instant, [...] d'entrer réellement en société avec tous les êtres que Dieu met sur notre chemin.» *idem*, pp. 115-116.

exigências, não lhe ser servil, é permitir a si próprio ser livre e generoso<sup>63</sup>. A influência pode ser o contrário da comunhão e ser apenas obra do amor-próprio, pode tornar as pessoas escravas umas das outras, em vez de as libertar dos seus limites e de lhes permitir ultrapassá-los, já que toda a atividade de imitação ou de substituição arruína a alma, porque é ainda uma forma narcísica: o homem imita o que admira e julga contemplar no que admira o que virá a ser<sup>64</sup>.

A influência concretiza-se em formas de imitação que têm a sua raiz num misto de insegurança e vaidade: o indivíduo não acredita em si e por isso imita, mas, ao mesmo tempo, imita quem ele crê superior a si e julga assim elevar-se a si mesmo ao nível do seu modelo. E, paradoxalmente, quem tenta influenciar alguém e convertê-lo à sua opinião está ele próprio inseguro das suas posições e tenta obter a adesão do outro para as confirmar<sup>65</sup>. Em qualquer caso: «só se pode mostrar sensível ao prestígio individual aquele que experimenta um vazio interior que outro vem preencher»<sup>66</sup>. Mas isso é ainda coisificar o espírito, porque:

«O que é próprio do prestígio é criar entre duas consciências uma relação de causalidade comparável àquela que rege o mundo dos corpos. Mas a lei da causalidade é inseparável da inércia e esta não intervém entre as almas senão quando elas começam a materializar-se. As comunicações espirituais são de outra ordem; suscitam sempre iniciativa em vez de a abolirem; excluem a necessidade e reduzem-se a um dom sempre renascido de luz e de amor.»<sup>67</sup>

---

<sup>63</sup> «L'acte le plus profond que chaque être puisse accomplir est un acte libre et généreux à l'égard de cette conscience même qu'il a de soi, mais qu'il dépasse toujours, et par laquelle il ne se laisse jamais asservir. Mais Narcisse est demeuré son esclave.» Louis Lavelle, *L'erreur de Narcisse*, [http://classiques.uqac.ca/classiques/lavelle\\_louis/erreur\\_de\\_narcisse/lavelle\\_narcisse.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/lavelle_louis/erreur_de_narcisse/lavelle_narcisse.pdf), p. 71. documento acedido em 10 de Junho de 2013.

<sup>64</sup> Cf. *Le Mal et la Souffrance*, pp. 118, 121.

<sup>65</sup> *L'erreur de Narcisse*, p. 72.

<sup>66</sup> «[...] seul peut s'y montrer sensible celui qui éprouve en lui un vide intérieur qu'un autre viens remplir.» *Le Mal et la Souffrance*, p. 122.

<sup>67</sup> «Le propre du prestige, c'est de créer entre deux consciences un rapport de causalité comparable à celui qui régit le monde des corps. Mais la loi de causalité est inséparable de l'inertie; elle n'intervient entre les âmes que lorsqu'elles commencent à se matérialiser. Les communications spirituelles sont d'un autre ordre: elles suscitent toujours l'initiative au lieu de l'abolir; elles excluent la nécessité et se réduisent à un don toujours renaissant de lumière et d'amour.» *Idem*, p. 126.

Frequentemente, o prestígio está ligado à aparência da pessoa mais do que à própria pessoa, obnubila o seu verdadeiro ser donde a verdade deve brotar e cuja presença é essencial à autêntica comunhão. O prestígio deixa apenas subsistir uma aparência sedutora que induz o outro à admiração e à imitação mas isso permite apenas uma relação de domínio, pobre e ilusória<sup>68</sup>.

Lavelle sublinha que há um duplo risco na influência: ninguém que goste realmente de exercer influência sobre os seus semelhantes pode garantir que não os quer comandar, por outro lado, da parte de quem recebe a influência, o espírito crítico está adormecido: «Como poderíamos interrogar-nos para saber se o que vem dele é um bem, visto que, aos nossos olhos, um bem só é um bem porque vem dele?»<sup>69</sup> A tensão entre consciência moral e consciência psicológica é aqui substituída pela tensão entre duas formas de consciência psicológica: uma real e outra imaginária, que o indivíduo, por imitação, se esforça por tornar real. Estamos, na circunstância, em presença de uma forma estéril que impede a manifestação da verdade do próprio ser.

Uma influência de tipo interindividual ou recíproca aparece em relações como a simpatia, a amizade e o amor. Importa, no entanto, que o sujeito se acautele contra os perigos desta influência porque, frequentemente, ela é ainda narcísica, sendo apenas uma espécie de comprazimento mútuo dos indivíduos por si próprios, que os encerra nos seus próprios limites estiolando-os. Mas, porque a influência é recíproca e os intervenientes na relação se apercebem de uma mútua dependência, esta dá-lhes a ilusão de saírem de si mesmos e de estarem em comunhão<sup>70</sup>.

Há nesta forma de influência mútua a ilusão da comunicação real entre as consciências, que se contrapõe ao prestígio cuja influência parece produzir-se apenas num dos sentidos e «escravizar» um sujeito a outro. Mas na influência mútua pode-se estar, de facto, em presença de «uma dupla imitação pela qual cada uma das consciências se fortalece no seu sentimento próprio e se certifica da sua independência»<sup>71</sup>. Quando a influência é recíproca, torna-se mais perigosa porque não se teme exercê-la, nem sofrê-la, e os malefícios do prestígio são agora mútuos, por um mecanismo oposto

<sup>68</sup> Cf. *idem*, p. 124.

<sup>69</sup> «Comment pourrait-on s'interroger encore pour savoir si ce qui vient de lui est un bien, puisqu'à nos yeux un bien n'est un bien qui parce qu'il vient de lui?» *Idem*, p. 123.

<sup>70</sup> Cf. *idem*, p. 127.

<sup>71</sup> «[...] une double imitation par laquelle chacune d'elles se fortifie dans son sentiment propre et se rassure sur son indépendance.» *Idem*, p. 127.

ao do prestígio: de facto, o sujeito apenas sanciona, através da admiração do outro, as suas convicções ainda ilusórias e superficiais, entrincheira-se no seu teatro pessoal para o qual tem um espetador fiel e igual processo acontece também no outro. São ambos atores da mesma peça e estão fechados para o mundo e para uma verdadeira comunhão que obrigaria à saída de si e à negação da aparência na qual o homem vive entrincheirado. Lavelle chama a atenção para o código cifrado que existe muitas vezes entre os indivíduos nesta forma de comunicação<sup>72</sup>.

Uma boa influência é a que permite à pessoa constituir-se como tal em vez de a obrigar a anular-se, esta é a influência que o amor pode exercer: uma influência libertadora do outro que o ajuda a encontrar-se a si próprio. Liberta-o porque não o encerra no seu equívoco mas o obriga a sair de si, não forçosamente na direção de alguém concreto mas na direção da atividade que realiza melhor a sua vocação.

Afirmar o valor de outro ser é acolher a sua vocação essencial. Cada homem é único e incomparável e está acima de todos os outros no que respeita à sua relação original com o absoluto, como todos os outros estão acima dele no que respeita às suas respetivas relações essenciais com o absoluto, o que convida cada um à humildade, que articula perfeitamente o valor de si mesmo e dos outros<sup>73</sup>. Apenas no acolhimento da autenticidade do outro cada ser pode ser ele próprio autêntico. Afinal, a autenticidade da vida espiritual encontra-se na comunhão e isso só é possível no abandono do próprio casulo e no encontro verdadeiro com o outro<sup>74</sup>, sobretudo pela dádiva e pela comunhão e interceção das suas vidas, ainda que não pelo conhecimento. Se os homens fossem capazes de reconhecer a insubstituível singularidade de cada existência individual sentiriam profundamente a necessidade do outro e poriam de lado a rivalidade que alimentam contra outrem quando servem o seu amor-próprio<sup>75</sup>.

No grau mais elevado da influência e de uma influência positiva, os dois seres já não procuram aproximar-se através do lado individual da sua natureza: tornam-se ambos veículos de uma atividade que os ultrapassa e um traz ao outro a revelação do seu espírito, do contributo individual que ele percebeu constituir a sua vocação e depender de si próprio o desvelamento. Neste processo de dádiva cada um recebe de volta a revelação do seu espírito, ao

---

<sup>72</sup> Cf. *idem*, pp. 127-128.

<sup>73</sup> *L'erreur de Narcisse*, p. 73.

<sup>74</sup> Cf. *Le Mal et la Souffrance*, pp. 130-131.

<sup>75</sup> *L'erreur de Narcisse*, p. 82.

vê-lo acolhido pelo outro quando este recebe a sua vocação e, reciprocamente, acolhe a revelação do espírito do outro ao acolher a manifestação da sua, dele, vocação essencial, numa perpétua atividade espiritual de que cada um é arauto. Este nível de comunicação é possível no que Lavelle chama a *presença total* que descobre ao homem o lugar da sua própria existência e a sua originalidade. Cada homem reflete o Ser de um modo único, e a verdade do Ser é mais perfeitamente explicitada na comunhão<sup>76</sup>.

Lavelle tem a mais bela definição de amor quando o caracteriza como o nascimento do outro num eu e de um eu no outro com a simultânea descoberta, em cada um dos elementos da relação, de uma maior autenticidade pessoal. Deixemos falar Lavelle nesta citação eloquente, embora longa:

«Não há ninguém que tenha nascido como deveria ser e não há sequer ninguém que tenha chegado a sê-lo (...). Mas ninguém progride senão saindo de si, isto é, em triunfando do seu agarramento a si mesmo que o separa dos outros seres. (...) Então pode dizer-se que, ao mesmo tempo, o indivíduo cessa de nos seduzir porque renunciou a si próprio, e que nada nos interessa, portanto, senão este fundamento da pessoa que se realiza nele como em nós, e que nos descobre ao mesmo tempo a diversidade e a harmonia das nossas vocações particulares. Aqui a influência perde todo o seu caráter material: exclui todo o espírito de dominação e afasta toda a passividade. É a revelação da nossa própria iniciativa, o apelo de uma graça à qual só nós podemos responder e que nos abre no interior do mundo o caminho de um destino que nos é posto entre mãos. É preciso deixar de pensar em si para se ser. É preciso deixar todas as preocupações que nos limitam e nos isolam para encontrar, na comum participação na atividade criativa, o único meio que permite a todos os indivíduos se unirem ultrapassando-se.»<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> «Le tout, tel que nous l'avons défini, n'est point séparé de ses parties: il est le principe qui non seulement contient en lui d'une manière indivise toutes les possibilités, mais exige et réalise le passage à l'acte de chacune d'elles selon les conditions définies qui permettent à toutes les parties, au moment où elles apparaissent, de constituer elles-mêmes leur être participé.» *La présence totale*, p. 224.

<sup>77</sup> «Il n'y a personne qui soit né ce qu'il doit être, et il n'a personne non plus qui le soit jamais devenu [...] mais personne ne progresse autrement qu'en sortant de soit, c'est-à-dire en triomphant de cet attachement à lui-même qui le sépare des autres êtres. [...] Alors on peut dire à la fois que l'individu cesse de nous séduire puisqu'il s'est lui-même renoncé, et que rien ne nous intéresse pourtant que cette fondation de la personne qui s'est réalisée en lui comme en nous, et qui nous découvre du même coup la diversité et l'harmonie de

### **Algumas questões à guisa de conclusão**

Será esta uma proposta política? Sim e não. É uma proposta política em sentido fundamental e, portanto, diferente de proposta de poder, quando muito é a do poder sobre si mesmo, do senhorio do espírito. É uma proposta de realeza do ser, da rejeição da máscara para fruir de um encontro real consigo e com o outro que, inevitavelmente, leva à constituição de uma comunidade de homens, no sentido de uma fraternidade.

Talvez se possa dizer que é uma análise fundante do político num sentido essencial. Porque é a análise filosófico-antropológica da vocação inegável do homem à dádiva e à relação, que mostra a impossibilidade de realização do homem na contemplação narcísica. O homem só pode receber-se a si mesmo como retorno da dádiva de si.

O Espírito, no qual, apenas, o homem pode realizar-se e ser livre é essencialmente amor, dádiva, comunhão. O espírito humano, na determinação imposta pela interceção do temporal com o eterno, do finito com o infinito, tem por diante a tarefa permanente de, mantendo-se no finito e limitado da sua condição temporal, pela sua manifestação fenoménica num corpo, ser instrumento da sua progressão e libertação numa revelação essencialmente solitária e única, em que lhe cabe vencer reiteradamente a solidão pela dádiva e, ao negar o seu eu, encontrar-se verdadeiramente. Realizando a comunhão o homem participa já do eterno, em que todos os espíritos se encontram e são, e participa do absoluto no qual todos eles se sustentam.

Porque os homens gozam da condição limitante de tenderem permanentemente para o fechamento e o egoísmo, para o que os aniquila em vez de os realizar, a verdadeira liberdade do homem experimenta-se no paradoxo do que voluntariamente se escraviza, do que sistematicamente se nega e se ultrapassa para sair de si em dádiva plena. Só aquele que se dá, e se dá totalmente até ao dom reiterado e generoso da própria vida, experimenta a verdadeira vida do espírito e É verdadeiramente.

---

nos vocations particulières. Ici l'influence perd tout caractère matériel: elle exclut tout esprit de domination; elle repousse tout passivité. C'est la révélation de notre initiative propre, l'appel d'une grâce à laquelle nous sommes seul à pouvoir répondre et qui nous ouvre à l'intérieur du monde le chemin d'une destinée qui este remise entre nos mains. Il faut cesser de penser à soi pour être soi. Il faut quitter toutes préoccupations qui nous limitent et nous isolent pour trouver, dans une commune participation à l'activité créatrice, le seul moyen qui permette à tous les individus de s'unir en se dépassant.» *Le Mal et la Souffrance*, p. 131.